

A PESQUISA- AÇÃO: O EXTENSIONISTA COMO SUJEITO-OBJETO

Álvaro Afonso Simon¹

INTRODUÇÃO

A estratégia para as resoluções dos problemas atuais que as instituições públicas de pesquisa agrícola e extensão rural tratam deve contemplar novas formas de análise, fugindo dos modos convencionais que apresentam certas dificuldades analíticas quando se parte do pressuposto de uma visão integrada de mundo. Considerando a natureza de tais problemas, a opção pela pesquisa-ação nos permite examiná-los através do movimento histórico, captando micro-sinais possíveis de serem observados somente por um pesquisador dentro da ação. Isso não implica numa heresia do método, apenas uma exigência em sua flexibilização. Mas, o que é pesquisa-ação e como podemos diferenciá-la de outros tipos de pesquisa participativa? Com a intenção de contribuir com o debate sobre uma “nova” forma de pesquisa, elaboramos este texto iluminando os pontos que entendemos centrais quando a escolha for a pesquisa-ação.

PALAVRAS - CHAVE: pesquisa-ação, extensão rural em microbacias hidrográficas.

BREVE REFLEXÃO SOBRE A PESQUISA-AÇÃO E PESQUISA PARTICIPATIVA

Em grande parte da literatura disponível a pesquisa participante (PP) aparece como sinônima de pesquisa-ação (PA). Esta é uma confusão que de certo modo já está sendo superada, mesmo assim julgamos necessário um esclarecimento sobre tal questão, justificando nossa escolha pela PA. A partir do exame dos seus princípios, discutidos por diversos autores que tratam do assunto, existem vários tipos de PA e de PP. Fazendo uma distinção entre os dois tipos de pesquisa, Thiollent (1983: 82) afirma que a PA é uma forma de PP, mas nem toda PP é uma PA. Segundo o autor, a PP se preocupa, sobretudo com o papel do investigador dentro da situação investigada, não se concentrando com a relação entre

¹ Pesquisador da Epagri/SC. Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, C.P.502, 88034-901, Florianópolis/SC.

investigação e ação dentro da situação investigada. É justamente esse tipo de relação, diz ele, que é especificamente destacado em várias concepções da PA.

De acordo com Ezpeleta (1989:78), a PP apresenta quatro grandes linhas de atuação: a primeira destaca a pesquisa de modo central e explícito. Este tipo chama-se de pesquisa-ação. A ação, diz a autora, joga o duplo papel de referencial empírico e, ao mesmo tempo, de instância de prova da teoria em jogo. Esta modalidade admite uma seqüência de processos, que se pode estabelecer tanto em condições relativamente "naturais" como em condições quase experimentais. Na segunda forma, a participação e a ação assumem o lugar preponderante e a pesquisa serve apenas como apoio para alcance do objetivo. Neste caso o que se denomina de pesquisa refere-se ao uso de técnica e coleta de dados. A terceira forma coloca no centro o trabalho político. Aqui a participação pode ser secundária ou não, mas a articulação procurada é aquela de um projeto político imediato. Um quarto tipo de PP estabelece um equilíbrio entre pesquisa e participação que, segundo Ezpeleta é a mais corrente na América Latina e é nela que se explicita com maior clareza a crítica em torno da ciência social dominante.

A pesquisa participante é apresentada com freqüência como a prática que demonstra os limites do paradigma positivista. A crítica se fundamenta no fato de que na PP o clássico "informante" passa a ser sujeito tanto para a construção do conhecimento como para a ação. Entretanto, freqüentemente encontra-se uma notável contradição. Nas diversas consultas a teses e processos participativos que criticam as deficiências do positivismo, se produzem geralmente com o positivismo dentro da sua própria crítica. De forma prática isso se observa no alinhamento dos objetivos dos processos aos interesses particulares dos atores.

A variedade das propostas de PA é proporcional à variedade de projetos inscritos em diversas conjunturas e sociedades. No contexto da América latina, a pesquisa-ação é, sobretudo, ligada a uma visão emancipatória, tanto no meio rural como no meio urbano, e especialmente aplicada em projetos de educação popular ou de comunicação popular. Mas, no campo agrônomo é provável que certos tipos de PA venham participar do espírito das tecnologias e das metodologias alternativas, isto é, de uma filosofia a partir da qual se pretende adequar as investigações e mesmo certas técnicas produtivas, habitacionais, comunicacionais, educacionais e higiênicas às condições concretas de uma atuação popular.

Na opinião de Demo (1984:104), entretanto, a PP tem tudo para ser a próxima farsa. O autor afirma que em vez de superar a decepção histórica com respeito à utilidade das ciências para os dominados, pode refinar os controles sociais vigentes. A farsa não seria, de modo algum, diz ele, peculiaridade de instituições oficiais ou governamentais, mas também, de pesquisadores que se pretendem de esquerda, que alimentam a esperança de serem reconhecidos mais pelo entusiasmo do que pela fundamentação teórica que possuem. Defendendo mais claramente a PP, Demo (1984:108) afirma que "o teórico foge muitas vezes da prática, porque tem medo da condenação histórica, do compromisso atacável, preferindo criticar à propor, porque toda proposta, se for prática, é atacável". Todavia, diz ele, a fuga da prática é, à revelia, uma prática, um tipo de compromisso político, geralmente conservador. Para essa posição não há outra maneira de fazer história a não ser comprometendo-se com opções políticas concretas.

Certos autores encaram a PA como sendo uma proposta de caráter ideológico, uma proposta difusa no seio da coletividade sem que haja requisitos ou posicionamentos científicos. Entretanto, a negação do "cientificismo" deve ser cuidadosa para que não nos leve a negar a própria idéia de pesquisa científica, evitando o regresso às posturas anticientíficas, espontaneístas ou populistas (Touraine, 1972:25). Uma adequada compreensão do saber, diz ele, não deve alimentar as posições antiteóricas e antiintelectuais. Para o autor, a participação de investigadores em sistemas de PA não significa que haja adesão aos valores ou ideologias de instituições.

Para alguns sociólogos como Bordieu (1980:69), a PP teria a ver mais com uma participação mística na prática. De acordo com o autor, a idéia de PP não satisfaria a "análise teórica" da prática de investigação e de sua relação com o objetivo investigado. Em contraponto Touraine (1972:26) afirma, que mesmo quando alguns autores ou pesquisadores tem uma inclinação mística, isto não é suficiente para considerar que a PP e a PA são essencialmente místicas. De acordo com este autor não se deve confundir "o nível da análise das relações inter-humanas com o metanível da situação ideologizada ou mistificada do mundo social". Qualquer confusão entre esses planos, diz ele, prejudica a clareza dos projetos de investigação e dá argumentos às pessoas que por algum motivo são hostis à PA.

PENSAMENTOS CONCLUSIVOS

Afastadas as confusões relativas à visão ideológica ou mística, tratamos de pensar a PA como um sistema de expressão e de escuta inserida no movimento ou na prática social, captando os discursos e expressões que se manifestam em diversos momentos e em diversas situações. Nesse sentido, mais do que uma técnica particular, a PA se coloca como uma visão de conjunto contrária à observação passiva que oferece possibilidades de utilização de tipo burocrático. A PA é resumidamente, uma proposta de investigação a ser articulada dentro de uma ampla visão da ação e da interação social. Com isso, a PA pode incorporar à prática de extensão rural em microbacias hidrográficas, um processo expressivo, interativo, inovador e conscientizador. Desta forma assumimos a PA como uma orientação metodológica, que pode ser estendida a diversas disciplinas e concretizada no contexto particular das pesquisas em educação, comunicação e organização comunitária. Numa certa medida, é uma proposta de ruptura com as concepções e adestramentos dos pesquisadores e extensionistas convencionais, embora haja muitas possibilidades de convivência entre diversas tendências, como vimos anteriormente. Sublinhamos mais uma vez que, não é uma proposta anticientífica e sim uma proposta apenas diferente do padrão cientificista, que hoje em dia, está sendo contestado, inclusive por parte de grandes cientistas da natureza.

BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU P. *Questions de sociologie*. Paris: Minuit. 1980.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa participante: mito e realidade*. Rio de Janeiro SENAC. 1984.
- EZPELETA, J. *Pesquisa participante*. São Paulo: Cortez. 1989.
- THIOLLENT, Michel. Problemas de metodologia da pesquisa-ação. In: *Teoria e pesquisa em comunicação: panorama latino americano*. São Paulo: Cortez-INTERCOM. 1983.
- TOURAINÉ, Alain. *La voix et le regard*. Paris, Seuil. 1972.